

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: VR-HT-MA-015

Entrevistado: Silvio Vieira Cavalcanti Filho

Local da entrevista: Estação Ferroviária de Mariana / Vagão Oficina de Vídeo e Sala de Histórias

Data da entrevista: 13/02/2007

Horário da entrevista: 13h25min

Duração da entrevista: 51min53seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Josanne Guerra Simões, Eder Donizete de Melo (monitor)

Gravação da entrevista:

Coordenação: Bellini Andrade (EMVIDEO)

Produção: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Rosilene Magda Figueiredo (monitora)

Equipamento utilizado: Câmera digital MiniDV

Transcrição: Eder Donizete de Melo

Data da transcrição: 26/03/2007

Conferência de fidelidade: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Data da conferência: 28/03/2007

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

Keka Simões – O senhor poderia nos dizer seu nome completo?

Silvio Vieira – Silvio Vieira Cavalcanti Filho.

Keka Simões – Onde o senhor nasceu?

Silvio Vieira – Eu nasci em Rio Casca¹.

Keka Simões – Qual a data de nascimento do senhor?

Silvio Vieira – Oito de dezembro de 1932.

Keka Simões – Como se chamavam seus pais?

Silvio Vieira – Silvio Vieira Cavalcanti e Olívia Magalhães Cavalcanti.

Keka Simões – Em que eles trabalhavam?

Silvio Vieira – Meu pai era ferroviário também.

Keka Simões – Ah, ele era ferroviário?

Silvio Vieira – Era.

Keka Simões – É sua mãe?

Silvio Vieira – Minha mãe tem uns trabalhos em casa, umas máquinas de tecer, sabe? Um negocinho escondido em casa, mas tem. Ela trabalha nisso, tece blusas, tudo.²

Keka Simões – Sempre fez isso?

Silvio Vieira – Hein?

Keka Simões – Desde quando o senhor era criança...

Silvio Vieira – O quê?

Keka Simões – Ela tece.

Silvio Vieira – Há bastantes anos, uns 50 anos, ela tece.

Keka Simões – Sendo filho de ferroviário... Era em Rio Casca mesmo que seu pai trabalhava?

Silvio Vieira – Não, não. O meu pai trabalhou no estado do Rio³, trabalhou no Espírito Santo, trabalhou em Minas Gerais. Ele terminou... Ele é aposentado em Minas Gerais.

Keka Simões – O que ele fazia?

Silvio Vieira – Ele era chefe-de-estação.

¹ Município de Minas Gerais.

² O entrevistado, ao que parece, confundiu-se. Mais adiante, deixa claro que é sua esposa quem tece roupas.

³ Rio de Janeiro.

Keka Simões – Nesses locais todos onde trabalhou, a família o acompanhou?

Silvio Vieira – Acompanhou. Toda.

Keka Simões – Então, o senhor morou sempre perto de estações?

Silvio Vieira – Eu... Gozado! Eu saí de casa com 14 para 15 anos. Eu não fiquei em casa mais. Meus pais moravam no estado do Rio e vieram para Minas, para Dom Silvério⁴. E eu fiquei lá no estado do Rio. Eu trabalhava em uma firmazinha lá. Garoto, mas trabalhava, não é? Então: “Ah! Eu não vou. Vou ficar aí”. Eles me deixaram ficar e eu fiquei. Agora, depois de uns seis anos mais ou menos, eu vim... Eu estava trabalhando em Miracema⁵, no escritório de uma empresa, até inglesa. Eu peguei uma doenzinha lá, uma febrezinha. Então, vim para casa me curar. Nesse período, o meu pai era muito prestigiado na ferrovia. Então: “Ah! Você não vai embora. Você vai ficar aí, você vai trabalhar na ferrovia”. Falei assim: “Ô, pai! Mas eu não quero, eu estou tão bem lá e tal!” Estava até bem mesmo. “Não quero.” “Não, você vai...” Papai tinha uns chefes... Antigamente, os chefes também eram muito amigos de papai: “Não. Você vai trabalhar na ferrovia sim”. Me mandaram assinar uma folha de papel almaço, em branco. E no período de uma licença de 30 dias, que eu tinha tirado no escritório de Miracema, eles me puseram para trabalhar na ferrovia.

Keka Simões – E aí onde o senhor foi trabalhar na ferrovia?

Silvio Vieira – Hein? Aí eu fiquei...

Keka Simões – Em Dom Silvério?

Silvio Vieira – Eu trabalhei em Dom Silvério. Trabalhei em umas 30 estações, mais ou menos.

Keka Simões – Antes de começar a trabalhar, quando o senhor ainda morava com a família, antes dos 15 anos... O senhor tem alguma lembrança dessas estações...

Silvio Vieira – Das estações em que trabalhei, eu tenho.

Keka Simões – Não... De quando o senhor era criança?

Silvio Vieira – Eu tenho das duas últimas em que papai trabalhou: uma estação no estado do Rio, outra no Espírito Santo. Chamava-se, naquele

⁴ Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho do Ramal de Dom Silvério, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina. Possuía uma estação ferroviária.

⁵ Município do Rio de Janeiro.

tempo – não sei se chama até hoje –, Barão de Camargos⁶. Agora, de anteriores, onde papai trabalhou, eu não me recordo, porque eu acho que nem tinha nascido.

Keka Simões – Mas o senhor, as crianças costumavam brincar, ir à Estação?

Silvio Vieira – Brincávamos muito na Estação. Nós somos nove irmãos. São seis homens e três mulheres.

Keka Simões – Algum deles trabalhou também na ferrovia?

Silvio Vieira – Só eu e mais um que mora em Ponte Nova⁷. Eu tenho nove filhos; nenhum filho foi ferroviário! Nenhum quis. Eu tenho um filho que mora em Curitiba⁸; um mora em Belém⁹; um é professor em Campinas¹⁰; outro está terminando o doutorado na faculdade, também em Campinas. Meus filhos estão todos criados! O caçula já é quase doutor em... Já é quase doutor. Já tem mestrado e está fazendo doutorado.

Keka Simões – O senhor falou que assinou um papel almaço, em branco, para...

Silvio Vieira – Para entrar na ferrovia. Eles levaram aquilo para o Rio¹¹. Naquele tempo a sede era no Rio. O supervisor daquela época pegou o papel... Eles mesmos preencheram, levaram para o Rio. Daí alguns dias, me mandaram começar a trabalhar na empresa.

Keka Simões – O senhor lembra em que ano foi isso?

Silvio Vieira – Foi em 1955. Dia 15 de março de 1955.

Keka Simões – O que o senhor começou fazendo, na ferrovia?

Silvio Vieira – Eu comecei como auxiliar-de-estação. Depois fui a agente-de-estação¹². Depois trabalhei também como chefe-de-estação. E depois passei para superintendente-de-estação, o último cargo da categoria.

Keka Simões – Certo. Em cada um desses cargos, o que era de responsabilidade do senhor? O que é um auxiliar-de-estação?

Silvio Vieira – Auxiliar-de-estação ficava na Estação. É um trabalho geral: despacho de mercadoria, atendimento de público, venda de bilhetes, essas

⁶ Até o momento, não foi possível obter informações sobre o local citado.

⁷ Município de Minas Gerais.

⁸ Capital do Paraná.

⁹ Capital do Pará.

¹⁰ Município de São Paulo.

¹¹ Rio de Janeiro, capital do estado de mesmo nome, onde se localizava a sede da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil e, posteriormente, da antiga Estrada de Ferro Leopoldina.

¹² Profissional responsável pelas atividades relacionadas à venda de passagens.

coisas. O auxiliar era um serviço assim. Quando ainda era dos ingleses... Porque eu peguei uns cinco anos da empresa que era inglesa ainda. Era a Estrada de Ferro Leopoldina, dos ingleses. Ainda peguei cinco anos. Tinha uma contabilidade caprichada. Então, a gente fazia aquela contabilidade. Uma das melhores contabilidades de empresas do Brasil era essa! Porque ela era uma contabilidade mensal, difícil de se fazer. Eu cheguei a ponto de ir às estações fechar balanço. Os balanços mensais, porque, às vezes, tinha muita gente que tinha dificuldade para fazer a contabilidade, então... Eu fiquei quase como um cara assim: “Ah! Você vai para a Estação tal. Você vai lá e fecha o balanço, porque eles não conseguiram fechar o balanço da Estação”. Então, eu fiz muito essas coisas.

Keka Simões – Que diferença tem entre o agente-de-estação e o chefe-de-estação? O que é responsabilidade de cada um?

Silvio Vieira – O chefe-de-estação é o chefe da Estação, ele comanda o pessoal que trabalha com ele: os agentes, os auxiliares, o pessoal que trabalha como braçal. O chefe-de-estação é isso. A função era essa. O superintendente-de-estação fiscaliza as estações.

Keka Simões – Como superintendente – seu último cargo, o cargo em que se aposentou –, quais estações estavam sob sua fiscalização?

Silvio Vieira – Eu fiquei nesse trecho todo aqui, dessa região de Ponte Nova, dessa região de Minas Gerais aqui. Pegava, mais ou menos... Essa região toda aqui.

Keka Simões – Antes de ser superintendente, em quais estações o senhor trabalhou?

Silvio Vieira – Você quer que eu cite o nome de todas? É bastante!

Keka Simões – Se o senhor lembrar... [riso]

Silvio Vieira – Vou começar: Dom Silvério, Rio Doce¹³, Engenho¹⁴, Chopotó¹⁵, Pontal¹⁶, Ponte Nova¹⁷, Bifurcação¹⁸, Ana Florência¹⁹, Rio Casca²⁰ (onde eu

¹³ Estação ferroviária localizada em um trecho do Ramal de Dom Silvério, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina. Situada em Rio Doce, município de Minas Gerais.

¹⁴ Estação ferroviária pertencente ao Ramal de Dom Silvério, trecho da antiga Estrada de Ferro Leopoldina. Situada em Rio Doce.

¹⁵ Estação ferroviária localizada em um trecho do Ramal de Dom Silvério, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina. Situada em Ponte Nova.

¹⁶ Estação ferroviária localizada em um trecho do Ramal de Dom Silvério, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina. Situada em Ponte Nova.

nasci), São Pedro de Ferros²¹. Agora, para o outro lado: Roberts²², Cajuri²³, Mirante²⁴ (em um pé de serra), São Geraldo²⁵. Agora, neste trecho aqui: Cônego Luiz Vieira²⁶, Acaiaca²⁷, Furquim²⁸, Monsenhor Horta²⁹, Mariana, Ouro Preto, Saramenha³⁰, Rodrigo Silva³¹, Usina³² e Miguel Burnier³³. Em todas essas estações eu trabalhei.

Keka Simões – O senhor trabalhou?

Silvio Vieira – Trabalhei nelas todas.

Keka Simões – O senhor se aposentou em qual lugar?

Silvio Vieira – Em Mariana.

Keka Simões – O senhor lembra quando veio trabalhar em Mariana?

Silvio Vieira – Ih! Você sabe que eu não vou lembrar! Mas tem... Quer ver... Que eu moro aqui tem uns 25 anos. Eu me aposentei em 1987... Tem bastante tempo, mas eu não me recordo da data certa. [riso]

Keka Simões – Não tem problema, não. Em todas essas estações, a rotina de trabalho... O senhor morava perto dessas estações?

¹⁷ Por Ponte Nova passava um trecho da Linha de Caratinga, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina. O município possuía uma estação ferroviária.

¹⁸ Até o momento, não foi possível obter informações sobre o local citado.

¹⁹ Estação ferroviária localizada em um trecho da Linha de Caratinga, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina. Situada em Ponte Nova.

²⁰ Estação ferroviária localizada em um trecho da Linha de Caratinga, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina. Situada em Rio Casca.

²¹ Estação ferroviária localizada em um trecho da Linha de Caratinga, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina. Situada em Raul Soares, município de Minas Gerais.

²² Estação ferroviária localizada em um trecho da Linha de Caratinga, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina. Situada entre o município de Teixeiras e o de Ponte Nova.

²³ Estação ferroviária localizada em um trecho da Linha de Caratinga, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina. Situada em Cajuri, município de Minas Gerais.

²⁴ Estação ferroviária localizada em um trecho da Linha de Caratinga, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina. Situada entre São Geraldo e Coimbra, municípios de Minas Gerais.

²⁵ Estação ferroviária localizada em um trecho da Linha de Caratinga, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina. Situada em São Julião, município de Minas Gerais.

²⁶ Estação ferroviária localizada em um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Situada em Barro Branco, distrito de Mariana.

²⁷ Estação ferroviária localizada em um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Situada em Acaiaca, município de Minas Gerais.

²⁸ Estação ferroviária localizada em um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Situada em Furquim, distrito de Mariana.

²⁹ Estação ferroviária localizada em um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Situada em Monsenhor Horta, distrito de Mariana.

³⁰ Estação ferroviária pertencente ao Ramal da Ponte Nova, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Localizada em Ouro Preto.

³¹ Estação ferroviária localizada em um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Situada em Rodrigo Silva, distrito de Ouro Preto.

³² Estação ferroviária pertencente ao Ramal da Ponte Nova, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. A Estação Ferroviária de Usina foi inaugurada em 1923 e seu nome derivava de uma usina hidrelétrica ali instalada para fornecer força para a Usina Wigg, situada em Miguel Burnier, distrito de Ouro Preto.

³³ Estação ferroviária localizada no trecho inicial do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Situada em Miguel Burnier.

Silvio Vieira – Não. Eu morava aqui.

Keka Simões – Sempre morou aqui?

Silvio Vieira – Aqui era a sede, uma espécie de sede. Quando eu comecei a trabalhar neste trecho, eu trabalhei em Dom Silvério e trabalhava também substituindo, em estações. Aqui também fazia substituições. Depois, eu fiquei parado aqui e me aposentei. Mesmo assim, foi um custo para me aposentar, porque o pessoal da Rede³⁴ não queria me deixar aposentar!

Keka Simões – Quando o senhor ia para esses locais, a família ficava aqui...

Silvio Vieira – A família ficava aqui.

Keka Simões – Aí o senhor ia. Se tivesse que ficar mais de um dia, onde o senhor ficava?

Silvio Vieira – Ficava, ficava! Teve vez de ficar 15 dias. A lógica era ficar 15 dias. Quinze dias. Tinha dois de folga: vinha para casa. E voltava para trabalhar.

Keka Simões – Aí tinha alojamento?

Silvio Vieira – O alojamento era na própria Estação onde a gente ficava.

Keka Simões – Tinha um alojamento? Como eram esses alojamentos?

Silvio Vieira – O alojamento era um quartinho de dormir. E comer... Comida, a refeição a gente fazia... Em lugar que tinha hotel, no hotel, em uma pensão... Ou a gente fazia também a comida, porque tinha lugar que não tinha. Então, a gente tinha que fazer a comida para comer. Eu fiz muita!

Keka Simões – Essa alimentação era por conta dos senhores ou a ferrovia fornecia?

Silvio Vieira – Era por conta da gente. Mas ela dava uma ajuda de custo, sempre superior ao que a gente gastava. Eu sou um cara que fui muito feliz na ferrovia, porque fui muito prestigiado! Eu não tenho um nada para falar mal da ferrovia. Tem muita gente que fala, que sofreu, não se deu bem, não combinava bem. Mas eu me dei muito bem!

Keka Simões – Que bom! Qual era o horário de trabalho do senhor?

Silvio Vieira – Eram oito horas de trabalho.

Keka Simões – Tinha intervalo durante essas oito horas?

³⁴ Rede Ferroviária Federal S/A.

Silvio Vieira – Tinha intervalo para almoço, não é? Tinha intervalo para almoço e intervalo para refeição.

Keka Simões – Quando o senhor estava aqui, o senhor almoçava era...

Silvio Vieira – Em casa.

Keka Simões – O senhor morava perto da Estação?

Silvio Vieira – Eu moro perto. Desde que vim para aqui, eu morei sempre pertinho da Estação. Depois, comprei essa casa onde moro. Já tem vinte e tantos anos que eu moro lá, que comprei.

Keka Simões – O senhor tinha direito a férias?

Silvio Vieira – Tinha férias, descanso semanal, tudo normal.

Keka Simões – Tudo normal. O senhor falou que tinha folga. O que o senhor gostava de fazer nas folgas?

Silvio Vieira – Ah! Eu gostava... Eu sou um pouco caseiro, sabe? Eu sou um pouco caseiro até hoje. Eu gostava de ficar em casa. Porque eu tinha os meninos... Eu tinha muito menino! Eu tinha oito filhos, sendo sete... Nove filhos: oito homens e uma moça. Então foi trabalhoso! Minha mulher me ajudou demais para formar essa meninada toda! Porque só o salário de ferroviário não dava para fazer... Os meus meninos, quase todos, têm faculdade; o que não tem faculdade tem curso técnico. Eu tenho um em Curitiba que tem uma empresa própria. Tem um que é perito da Polícia Federal, mora em Belém. Tem um que é professor de História, com doutorado, em Campinas. Tem outro que... Tem um engenheiro que está em... Como se chama lá? Lá no nordeste... Para o lado do Ceará... Fortaleza. Está em Fortaleza. É engenheiro geólogo, está trabalhando em Fortaleza. E tem esse que está estudando. Ah, um é pintor, é artista plástico! Faz muito quadro bonito!

Keka Simões – Então a sua esposa ajudou muito o senhor?

Silvio Vieira – Nossa mãe! Com esse trabalho dela... Ela tinha umas máquinas de tecer. Então ela ajudou muito, muito mesmo! Meus filhos todos fizeram faculdade com uma grande ajuda dela. Foi uma grande ajuda que ela deu! Tanto que meus meninos... Ela é o “dodói” deles! Têm o maior carinho com a mãe!

Keka Simões – Certo. A ferrovia tinha algum tipo de auxílio ou algum benefício para os seus empregados e a família?

Silvio Vieira – Ah, não! Nós tínhamos só o trabalho e o salário.

Keka Simões – Assistência médica?

Silvio Vieira – Assistência? Tinha uma assistência médica, tinha médico. Isso tinha. Tinha o médico para a gente consultar, quando precisasse.

Keka Simões – Certo. Quando chegou a superintendente, a supervisor geral, a quem o senhor era subordinado? Porque dentro da...

Silvio Vieira – Era subordinado ao escritório em Ponte Nova, onde trabalhavam os engenheiros, o pessoal que dirigia o trecho. Eles eram dirigentes de trecho. Eu era um tipo... O superintendente é um tipo de auxiliar de administração. É um auxiliar de administração.

Keka Simões – O senhor se lembra de outros cargos ou funções que existiam na ferrovia? Além do agente, o senhor já falou dessa...

Silvio Vieira – No meu caso, só existiam esses.

Keka Simões – E outros setores?

Silvio Vieira – Tinha setor de Via Permanente³⁵, setor de Transportes... O meu setor era de Tráfego. Tinha o setor de Transporte, que era diferente.

Keka Simões – Qual a diferença de Tráfego...

Silvio Vieira – A diferença é: o pessoal de Tráfego mexia com setor de estações; o de Transporte mexia com movimento de trem.

Keka Simões – Qual era o número aproximado de funcionários na Estação de Mariana? O senhor lembra?

Silvio Vieira – A Estação de Mariana tinha mais ou menos uns... Se for contar com pessoal de Transporte e Via Permanente, mais de 50.

Keka Simões – Bastante, não é? E tinha algum tipo de regulamento que devia ser seguido pelos funcionários?

Silvio Vieira – Todos têm o regulamento interno da empresa, não é? Então todo mundo tem que cumprir aquilo. Cada um no [inaudível] setores, o pessoal que administra os setores. Tinha o pessoal da Via Permanente que administrava o setor da Via Permanente. Outros administravam o setor de Transportes. Outros, o setor de Tráfego, não é? Era assim.

Keka Simões – Tinha alguma penalidade se um funcionário não cumprisse com as suas obrigações?

³⁵ Setor responsável pela construção e manutenção de vias férreas, de forma a assegurar que elas estejam em perfeito estado.

Silvio Vieira – Tinha. Tinha penalidade até ao máximo! [riso] Tinha penalidade, não era brincadeira, não! Errou, pagava! Era punido. O sujeito podia ser punido.

Keka Simões – Qual punição?

Silvio Vieira – Ah, punição de suspensão de trabalho! Suspensão... Afastar de serviço. Quer dizer, afastar de serviço perdia o dia de trabalho, não é? Suspensão.

Keka Simões – O senhor já teve alguma penalidade?

Silvio Vieira – Não. Eu trabalhei 32 anos, um mês e um dia. Eu tenho seis dias de atestado médico, só. Nunca tive uma falha! Viajando desse jeito, nunca tive uma falha! Nunca adoeci na minha vida até hoje, graças a Deus! Nunca precisei me afastar do serviço. Tenho seis dias de atestado médico. Eu estava de férias e estava consertando um negócio na minha casa, em Dom Silvério. E fracturei um ossinho da costela. Terminaram as férias e ele não tinha sarado. Então eu fiquei seis dias... Foi o único atestado médico que tirei, seis dias.

Keka Simões – Os funcionários usavam algum tipo de uniforme?

Silvio Vieira – Usavam.

Keka Simões – Como era?

Silvio Vieira – Comum: uma calça com uma blusa...

Keka Simões – Mas que cor? O senhor lembra?

Silvio Vieira – No começo, era azul-marinho. Depois... Teve azul-marinho, teve bege. Eu usei mais foi bege. Calça bege e camisa bege.

Keka Simões – Certo. E tinha diferença de uniforme ou da cor do uniforme entre quem trabalhava na Estação e quem trabalhava...

Silvio Vieira – Cada setor tinha um uniforme.

Keka Simões – O senhor se lembra dos outros?

Silvio Vieira – Ah, eu não lembro! Na minha permanência, eles forneciam roupa para eles trabalharem como braçal³⁶, serviço braçal. Então, eu acho que eles trabalhavam mais à vontade, sabe?

Keka Simões – Vamos passar agora para o espaço da Estação de Mariana, não é? Como era esse espaço? O que tinha aqui, ou tem ainda, ou não tem mais?

³⁶ Profissionais que executam os serviços de manutenção da linha, atuando na área da soca.

Silvio Vieira – Tinha isso tudo que está aí. A Vale³⁷ pegou isso pronto, já esquematizado. Tinha um barracão, do lado de lá³⁸, que era do pessoal que mexia com Transporte: o supervisor de transporte, o maquinista³⁹, os ajudantes de maquinista⁴⁰. Então, era todo mundo lá. E nós tínhamos o nosso pessoal do lado de cá⁴¹, na Estação. Era separado: ficava um grupo lá e outro aqui; o supervisor de transporte dirigia o serviço lá, e aqui o pessoal da Estação.

Keka Simões – Certo. Dentro da Estação, o que tinha em cada sala? Como era dividido aquele espaço?

Silvio Vieira – Tinha setor de despacho, setor de recebimento de mercadoria, setor de venda de passagem. É igualzinho ao que está aí.

Keka Simões – Aqui tinha oficina para manutenção?

Silvio Vieira – Tinha. Aqui tinha manutenção de máquina. Tinha bomba até... Tinha o abastecimento de máquina. Tudo era aqui.

Keka Simões – Tudo era...

Silvio Vieira – A maioria era aqui. Aqui e em Ponte Nova, para essa região. Abastecia aqui e em Ponte Nova.

Keka Simões – Esse abastecimento se dava próximo a esse galpão?

Silvio Vieira – É. Ali no galpão. Tinha bomba de abastecimento ali.

Keka Simões – Qual era o horário de funcionamento da Estação?

Silvio Vieira – Vinte e quatro horas.

Keka Simões – O tempo todo?

Silvio Vieira – O horário de funcionamento era 24 horas.

Keka Simões – O senhor trabalhava só de dia ou...?

Silvio Vieira – Eu cheguei a trabalhar à noite e cheguei a trabalhar durante o dia. Mas eu trabalhei mais durante o dia.

Keka Simões – Certo. À noite, quais funcionários ficavam aqui?

Silvio Vieira – Na Estação?

Keka Simões – É.

³⁷ Companhia Vale do Rio Doce.

³⁸ Refere-se às imediações de onde está instalada a Guarda Municipal, no terreno da Estação.

³⁹ Profissional responsável por operar a locomotiva.

⁴⁰ Profissionais responsáveis por ajudar o maquinista em funções complementares ao seu serviço.

⁴¹ Refere-se ao próprio prédio da Estação.

Silvio Vieira – Ficavam os agentes. Sempre ficava um agente ou dois agentes, ou o pessoal que fazia a manobra no trecho, chamado manobreiro⁴². E o faxineiro, que fazia a faxina na Estação.

Keka Simões – Nesse prédio da Estação, qualquer pessoa tinha acesso a suas dependências?

Silvio Vieira – Não, não. Quase que era só funcionário e pessoal que viajava. E os seguranças que permaneciam aí.

Keka Simões – Ah! Então tinha uma segurança?

Silvio Vieira – Tinha segurança. Tinha segurança 24 horas.

Keka Simões – Era da própria ferrovia?

Silvio Vieira – Da própria ferrovia, segurança da ferrovia.

Keka Simões – O senhor falou do despacho de mercadorias. Era um espaço só para isso ou tinha...

Silvio Vieira – Tinha um espaço para ele, não é? O agente, que trabalhava como encarregado de mercadoria, de despacho de mercadoria e atendimento... Então, tinha um que recebia mercadoria.

Keka Simões – Então eram dois?

Silvio Vieira – Eram dois. Era um em um cômodo e o outro em outro. Ali onde vocês estão usando, ali era o armazém. Era chamado depósito de mercadoria.

Keka Simões – Onde hoje está a biblioteca⁴³?

Silvio Vieira – É. A biblioteca.

Keka Simões – Que tipo de mercadoria chegava a Mariana?

Silvio Vieira – Ah, muita mercadoria! Olha, existia transporte de cimento de Belo Horizonte⁴⁴ para aqui. Já existiu muito transporte de minério daqui para o Rio. E mercadoria em geral.

Keka Simões – Que vinha e que saía daqui?

Silvio Vieira – Que saía era menos. Daqui não saía quase nada, quase que só recebia. Acho que Mariana recebe mais do que exporta. [riso]

Keka Simões – Certo. E pagava-se alguma taxa para utilizar esses armazéns?

Silvio Vieira – Não. Era o valor da tarifa.

⁴² Profissional responsável por formar as composições de um trem, manobrando os vagões.

⁴³ Biblioteca Infante-Juvenil da Estação Ferroviária de Mariana.

⁴⁴ Capital de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Paraopeba, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

Keka Simões – Entendi. Mas tinha um prazo determinado para que essas mercadorias pudessem ficar aqui?

Silvio Vieira – Tinha um prazo determinado, sem pagar nada. Vencia o prazo, pagava uma porcentagzinha por diária.

Keka Simões – Certo. E casas de moradia pertencentes à Estação, não é? Ainda têm algumas.

Silvio Vieira – Tem.

Keka Simões – O senhor lembra, mais ou menos, o número dessas casas?

Silvio Vieira – Eu lembro que tinha uma, duas... Ali embaixo, duas... Umas seis casas aí.

Keka Simões – Seis casas?

Silvio Vieira – Uma meia dúzia de casas, de residências.

Keka Simões – Essas casas eram todas iguais?

Silvio Vieira – Quase todas iguais.

Keka Simões – O que tinha de diferente? O senhor lembra?

Silvio Vieira – Não, a diferença... Às vezes, o padrão, o modo de construção. Mas as casas eram, mais ou menos, quase uniformes.

Keka Simões – Quais funcionários podiam morar nessas casas?

Silvio Vieira – Quem morava era um chefe-de-estação, o chefe da Via Permanente, o chefe do Transporte. Esse pessoal de mais categoria.

Keka Simões – O senhor foi chefe-de-estação. O senhor morou em alguma dessas casas?

Silvio Vieira – Nunca morei! Nunca morei porque toda vida eu tive a minha casa. Gostava de ter a minha casa.

Keka Simões – Esses que moravam nas casas da ferrovia pagavam aluguel?

Silvio Vieira – Não, não pagavam. Era tudo de graça. Aliás, a maioria deles até comprou as casas, agora.

Keka Simões – Continuaram com elas?

Silvio Vieira – Continuaram e compraram as casas da Rede.

Keka Simões – E aqui tinha dormitório também?

Silvio Vieira – Tinha o dormitório do pessoal do Transporte.

Keka Simões – Ficava naquele...

Silvio Vieira – Naquele barracão. Não tem um barracão grande ali? Era dormitório do pessoal de Transporte. O pessoal vinha de trem e pernoitava ali.

Keka Simões – Certo. E roupa de cama, tudo isso era da ferrovia ou não?

Silvio Vieira – Eu não sei, mas acho que eles traziam a sua roupa de cama.
[riso]

Keka Simões – O senhor levava quando ia para algum lugar?

Silvio Vieira – Ah, eu levava a minha! Eu gostava de dormir... [riso] Não usava roupa de cama dos outros, não. Eu levava a minha.

Keka Simões – Esse dormitório era dividido em quartos?

Silvio Vieira – Em quartos com tantas camas em cada um, de acordo com o pessoal.

Keka Simões – O senhor sabe se tinha algum tipo de regulamento para o uso do dormitório, do tipo horário de entrada?

Silvio Vieira – Não, eu acho que não tinha. O pessoal era de confiança. Eu acho que eles eram depositários de confiança, sabe?

Keka Simões – E a limpeza do dormitório?

Silvio Vieira – Tinha um empregado para fazer.

Keka Simões – Agora vamos passar, Senhor Silvio, para o trem. Nós já falamos um pouco da Estação. Que tipo de trem trafegava neste trecho?

Silvio Vieira – Aqui trafegou muito trem de passageiro. Aqui já teve muito trem de passageiro, de Ponte Nova a Belo Horizonte. Depois acabou. Tinha um trem de passageiro que ia daqui a Miguel Burnier e voltava. E outro de passageiro vinha de Ponte Nova e voltava. E tinha um trem de carga.

Keka Simões – Como era montada a composição de cada trem? O que vinha antes, o que vinha depois? Como se monta uma composição de trem?

Silvio Vieira – Eram os vagões e os carros de passageiros. Tinha o trem misto que levava carga e carro de passageiro. E tinha o trem só de carga também.

Keka Simões – No caso desse trem misto – carga e passageiro –, o que vinha logo atrás da locomotiva?

Silvio Vieira – Eram os vagões.

Keka Simões – Os vagões de carga?

Silvio Vieira – Os vagões. Carros de passageiros na retaguarda, atrás.

Keka Simões – Por que era assim?

Silvio Vieira – Porque tinha que ser assim! Não podia ser diferente! [riso]

Keka Simões – Não podia ser?

Silvio Vieira – Não, não podia ser diferente.

Keka Simões – No caso do trem de carga, esses vagões... lam mercadorias variadas?

Silvio Vieira – Variadas. De todo tipo.

Keka Simões – Tinha alguma ordem para se colocar essa mercadoria?

Silvio Vieira – Não, tinha ordem para colocar os destinos dos vagões e sua mercadoria. Mas assim, não.

Keka Simões – Esse destino dos vagões era aquele onde vai ficar...

Silvio Vieira – Vamos dizer, vamos arrumar um vagão para ficar em Ouro Preto. Então, ele tinha preferência para ir à frente no trem. E também o peso: o mais pesado sempre à frente.

Keka Simões – Certo. Que funcionário viajava no trem?

Silvio Vieira – No trem de carga viajavam o maquinista e o ajudante, só. No trem de passageiro viajavam o maquinista, o ajudante, o chefe-de-trem, o auxiliar de chefe-de-trem e um segurança de transporte.

Keka Simões – Ah! Ia um segurança?

Silvio Vieira – O chamado guarda-freio⁴⁵. Auxiliar-de-trem, como eles chamavam. Tinha o chefe-de-trem e o auxiliar. Tinha sempre um chefe-de-trem, dois auxiliares. Outra hora, de acordo com o movimento, tinha um auxiliar só.

Keka Simões – O que fazia o chefe-de-trem?

Silvio Vieira – Chefe-de-trem de passageiro. No trem de carga não tinha chefe-de-trem.

Keka Simões – Era só maquinista.

Silvio Vieira – Só o do trem de passageiro. Ele olhava os passageiros, conferia o trem, via passagem, quem estava documentado, quem não estava. Quem não estivesse documentado, tinha que ser documentado por ele ali, pagar a passagem no trem. Era assim.

Keka Simões – A passagem era cara, Senhor Silvio? O senhor lembra?

Silvio Vieira – Eu acho barata. Eu achava bem barata. Eu acho até que devia voltar um trem aqui, porque é muito mais barato.

Keka Simões – Criança pagava o mesmo preço? Como era?

⁴⁵ Profissional que vigia os freios dos carros nas linhas das ferrovias.

Silvio Vieira – Criança, até sete anos, não pagava nada. Depois de sete anos pagava até... Acho que até 12 pagava meia passagem.

Keka Simões – E as locomotivas, que tipo de locomotiva...

Silvio Vieira – Era a diesel elétrica. As últimas foram a diesel. Mas eu cheguei a trabalhar muito com máquina a vapor. Muito!

Keka Simões – Ah, o senhor...

Silvio Vieira – Quando eu entrei, era só máquina a vapor. Depois de uns 15 anos, mais ou menos, começou a chegar máquina a diesel. Mas era tudo máquina a vapor.

Keka Simões – Essas locomotivas tinham algum nome ou apelido?

Silvio Vieira – Não, não. Acho que era por número.

Keka Simões – Número?

Silvio Vieira – É. Era por número.

Keka Simões – Que elas eram...

Silvio Vieira – Elas eram numeradas: "Máquina tal, número tal".

Keka Simões – Entendi. Voltando aos vagões de carga, tinha diferença entre vagões? Vagão para determinada mercadoria era de um tipo, para outra era de outro...

Silvio Vieira – Não, não. Quase sempre eram iguais. Só tinha... Mercadoria de pátio era em carro aberto, não é? Viajava na chamada gôndola.

Keka Simões – O que é mercadoria de pátio?

Silvio Vieira – Mercadoria de pátio é ferragem... É esse tipo de ferragem. É areia, quando transportava areia, pedra, essas coisas.

Keka Simões – E ia nesse vagão, na gôndola?

Silvio Vieira – É.

Keka Simões – E os carros de passageiros: tinha alguma diferença de um carro para o outro?

Silvio Vieira – Tinha. Tinha a chamada primeira classe e segunda.

Keka Simões – O que diferenciava uma da outra?

Silvio Vieira – Diferenciava uma pequena coisa: uma era com poltrona; outra era banco de madeira.

Keka Simões – E tinha banheiro?

Silvio Vieira – Todos tinham banheiro.

Keka Simões – O senhor falou do trem que vinha de Belo Horizonte, ia para Ponte Nova, Miguel Burnier. O senhor se lembra dos horários e dos dias em que esses trens corriam?

Silvio Vieira – Não, isso aí... O de passageiro, que ia daqui a Miguel Burnier, saía de manhã, às seis horas, sete horas mais ou menos, entre seis e sete horas. E voltava à tarde. Chegava aqui sempre às 18, 19 horas.

Keka Simões – Os trens de carga tinham horário?

Silvio Vieira – Não, não tinham horário fixo, não. O horário era programado de acordo com a programação do chamado Controle, em Ponte Nova. Era controlado por telefone. Então, eles marcavam o horário de viagem, por causa do controle de horário do pessoal. Viajava assim.

Keka Simões – Certo. Quais sinais indicavam a chegada e a partida do trem? Tinha algum sinal? Alguma comunicação? O que era?

Silvio Vieira – Tinha, tinha. Tinha telégrafo⁴⁶, telefone. No começo, antigamente, eram o telégrafo e telefone. O telefone era até aquele telefone direto, sabe? Depois foi melhorando, foram acabando esses troços. O telégrafo não chegou a acabar. Eu tenho impressão de que até hoje deve existir algum. Eu fiz muita telegrafia.

Keka Simões – Mas para a cidade, a hora em que o trem ia sair de Mariana, como se avisavam as pessoas de que o trem estava saindo?

Silvio Vieira – Ah, tinha horário marcado, uai⁴⁷!

Keka Simões – Não tinha nenhum sinal sonoro?

Silvio Vieira – Não, não tinha sinal sonoro. Tinha só na hora da partida, não é? Na hora da partida, tinha o sino para bater que ia sair o trem. Ou quando o trem ia chegar, estava quase chegando, a gente batia o sino também para saber que o trem estava chegando.

Keka Simões – Aí era o sino da própria locomotiva que...

Silvio Vieira – Não, o sino na Estação.

Keka Simões – Certo. E ao longo do trecho tinha algum apito, algum sinal? A que hora o trem apitava? O senhor lembra?

⁴⁶ O telégrafo foi o primeiro aparelho que permitiu a comunicação à distância através de fios e da eletricidade. A informação pode ser transmitida desde que se adote um código previamente estabelecido, tal como o Código Morse, nome dado em homenagem a seu inventor.

⁴⁷ Expressão típica do mineiro que indica surpresa, espanto, certeza ou terror.

Silvio Vieira – Eu acho que o trem só apitava quando o maquinista precisava de um sinal qualquer, sabe? Acho que ele não apitava à toa, não.

Keka Simões – Tinha alguma...

Silvio Vieira – É. Ele sempre tinha uma... Apitava na chegada, não é? Quando estavam chegando à Estação, eles costumavam apitar.

Keka Simões – Certo. Que tipo de problema ou de acidente podia acontecer com o trem ou com a linha do trem?

Silvio Vieira – Descarrilamento. Só podia acontecer o descarrilamento.

Keka Simões – Por que acontecia o descarrilamento?

Silvio Vieira – Ah! Um defeito na linha, um defeito na roda... Um tombamento de trem. Aqui, uma vez, teve um tombamento feio de trem! Matou até um maquinista! Morreu até um maquinista! Quase na chegada aqui, naquela descida de Ouro Preto para cá. Acho que a máquina perdeu o freio, não sei. Estavam o maquinista e o ajudante. O maquinista até morreu.

Keka Simões – Em alguma época do ano esse tipo de acidente ou de problema podia acontecer com mais frequência?

Silvio Vieira – Acontecia, com mais frequência, em época de internada, de chuva. Sempre em época de chuva acontecia mais. Era muito difícil! Acidente de trem era coisa muito rara, não é?

Keka Simões – Era raro?

Silvio Vieira – Não tem acidente de trem todo dia, não.

Keka Simões – Algum trecho da estrada, aqui, era mais perigoso ou mais difícil?

Silvio Vieira – Para o meu gosto, o mais perigoso era de Ouro Preto para aqui.
[riso]

Keka Simões – Vindo?

Silvio Vieira – É. Vindo de Ouro Preto para aqui, porque estava descendo. Subindo, tem menos perigo.

Keka Simões – Se acontecesse alguma coisa assim, um descarrilamento, como a Estação ficava sabendo?

Silvio Vieira – Eles comunicavam.

Keka Simões – Comunicavam como?

Silvio Vieira – Eles comunicavam por telefone. E sempre tinha o pessoal da Via Permanente também, que fazia a comunicação.

Keka Simões – Certo. Se chegasse aqui a comunicação de que alguma coisa havia acontecido, que medida era tomada?

Silvio Vieira – Tinha que procurar o pessoal da Via Permanente para ir lá, ver, encarrilhar trem, essas coisas todas que eram feitas com a ajuda da Via Permanente. O próprio pessoal do trem e a Via Permanente.

Keka Simões – Como a Via Permanente chegava a esse local? Como ela ia?

Silvio Vieira – Ela ia de trole⁴⁸ ou de automovinho⁴⁹.

Keka Simões – Ah! Tinha um automovelzinho?

Silvio Vieira – Tinha um automovinho-de-linha.

Keka Simões – Entendi. E eram feitas inspeções, vistorias nas estações por pessoal de fora?

Silvio Vieira – Por gente de fora?

Keka Simões – É.

Silvio Vieira – Não.

Keka Simões – Sem ser daqui. Por exemplo, o senhor falou que aqui era ligada a Ponte Nova, não é isso?

Silvio Vieira – É, é.

Keka Simões – Ponte Nova era ligado a um outro...

Silvio Vieira – A outro. É.

Keka Simões – Vinham pessoas desses locais para fazer vistoria e inspeção...

Silvio Vieira – Vinham, vinham sempre.

Keka Simões – Avisava-se com antecedência ou o povo chegava de surpresa?

Silvio Vieira – Não, não se avisava com antecedência. Chegava sempre de surpresa. A fiscalização – era uma espécie de fiscalização – nunca avisava que ia àquele lugar, não é?

Keka Simões – Essa fiscalização era em todos os setores?

Silvio Vieira – Todos os setores. Tinha fiscalização para todos os setores.

Keka Simões – A manutenção da linha era feita pela...

Silvio Vieira – Pela Via Permanente.

Keka Simões – Via Permanente que tinha funcionário fixo.

⁴⁸ Carro de apoio da ferrovia para conserto e conservação de estradas de ferro.

⁴⁹ Auto-de-linha ou automóvel-de-linha, veículo ferroviário autopropulsado com cabine para condução de pessoal e reboque de carroceria com braço mecânico, destinada a transporte de materiais.

Silvio Vieira – É. Tinha turma fixa para fazer.

Keka Simões – Certo. Que tipo de pessoa ficava esperando a chegada do trem, Senhor Silvio? Ficava gente aqui, esperando o trem?

Silvio Vieira – Ficava. Na época de passageiro, ficava bastante gente. O pessoal gostava de vir à Estação. [riso] Ver o trem chegar, ver o trem sair. Antigamente, o pessoal... Porque o transporte era trem. Depois, do Juscelino Kubitschek⁵⁰ para cá, quando inventaram essas estradas aí, é que começou a ter transporte de ônibus. Mas, antigamente, aqui não tinha transporte de ônibus para Belo Horizonte. Era só de trem. De Ponte Nova a Belo Horizonte era só de trem!

Keka Simões – Então vinha muita gente para...

Silvio Vieira – Vinha. O pessoal gostava de vir à Estação...

Keka Simões – Onde as pessoas se despediam? Era na plataforma?

Silvio Vieira – Na plataforma da Estação.

Keka Simões – Era nesse mesmo lugar? Não tinha diferença de lugar entre quem estivesse chegando e quem estivesse indo?

Silvio Vieira – Não, era aí mesmo. Era até... Mas isso aqui, no começo, era muito fechado, sabe? Só entrava gente que vinha com pessoal para embarcar, essas coisas todas. Não era aquela aglomeração à vontade, não.

Keka Simões – Ah! Então tinha um controle?

Silvio Vieira – Tinha um controle, tinha um certo controle.

Keka Simões – Certo. E só se pegava passageiro nas estações?

Silvio Vieira – Hein? Pegava, toda Estação.

Keka Simões – Toda Estação. Mas era só na Estação?

Silvio Vieira – Só nas estações ou na parada oficial. Na estaçãozinha igual... Um lugar que não tivesse Estação tinha uma paradinha: o trem parava ali e o pessoal embarcava.

Keka Simões – O que diferenciava uma parada de uma Estação?

Silvio Vieira – Na parada não tinha ninguém trabalhando. O pessoal que ficava na parada... Tinha aquela paradinha ali, oficial: alguns para descer, os que moravam por ali, e outros para embarcar.

⁵⁰ Juscelino Kubitschek de Oliveira foi Governador de Estado de Minas Gerais (1951-1955) e Presidente da República (1956-1960). No seu período como Presidente da República, ocorreu a criação da Rede Ferroviária Federal, unificando todas as ferrovias. Além disso, foi em seu governo que começou a implantação da indústria nacional de automóveis e caminhões, priorizando a malha rodoviária em detrimento das ferrovias.

Keka Simões – Essa parada e pé-de-estribo são a mesma coisa?

Silvio Vieira – A mesma coisa.

Keka Simões – No trem, tinha algum regulamento que os passageiros tinham que seguir?

Silvio Vieira – A ordem, não é? [riso]

Keka Simões – Não podia...

Silvio Vieira – É a ordem, não é? Não podia bagunçar o trem.

Keka Simões – Se acontecesse de alguém fazer alguma...

Silvio Vieira – Se acontecesse, o chefe-de-trem chamava atenção ou então tomava as providências necessárias.

Keka Simões – E tinha algum tipo de comércio dentro do trem?

Silvio Vieira – Não, quase... Por aqui não. Não tinha, não.

Keka Simões – E nas estações, tinha algum?

Silvio Vieira – Em algumas estações já existiu. Mas, de tempos para cá, também parece que já acabou.

Keka Simões – Aqui em Mariana ficava alguém...

Silvio Vieira – Aqui em Mariana não chegou a ter.

Keka Simões – E nem ficava ninguém...

Silvio Vieira – No meu tempo, aqui não teve.

Keka Simões – Tinha pessoa de fora vendendo alguma coisa?

Silvio Vieira – Ah, sempre aparecia um vendendo! Um camelozinho vendendo um negocinho, uma coisinha qualquer, não é?

Keka Simões – Essa coisinha qualquer era o quê? Comida?

Silvio Vieira – Não, comida não. Alguma bugiganga, não é?

Keka Simões – Uma bugiganga qualquer?

Silvio Vieira – Alguma bugiganga. [Essas... toalhas]⁵¹, essas coisinhas assim que camelô vende na rua.

Keka Simões – Os passageiros faziam algum tipo de reclamação?

Silvio Vieira – Não.

Keka Simões – Não? O senhor não lembra?

Silvio Vieira – Eu nunca tive reclamação de passageiro.

Keka Simões – Em quais dias da semana tinha mais movimento na Estação?

⁵¹ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

Silvio Vieira – Acho que era o meio da semana.

Keka Simões – Meio da semana?

Silvio Vieira – Não era no fim da semana, não. Mais era no meio da semana.

Keka Simões – Por que será?

Silvio Vieira – No começo da semana. Porque o pessoal, às vezes, vinha de um lugar pequeno, como a Estação de Furquim, Monsenhor Horta... Pegava o trem para fazer compra, essas coisas, não é?

Keka Simões – Então dava mais movimento?

Silvio Vieira – Dava mais movimento.

Keka Simões – E em alguma época do ano aumentava...

Silvio Vieira – Ah, fim de ano! Fim de ano sempre aumentava. Isso, em todo transporte, aumenta.

Keka Simões – Neste trecho aqui, tinha algum local ou alguma paisagem especial de que o senhor gostava?

Silvio Vieira – Que eu gosto? Adorava este trechinho daqui a Ouro Preto.

Keka Simões – Daqui até Ouro Preto?

Silvio Vieira – Ih! Adorava este trecho! Muito bonito este trecho! Meu sentimento, ao acabar a ferrovia, foi não ter esse transporte de Mariana a Ouro Preto. Esse trenzinho da Vale⁵² veio do céu! [riso] Veio do céu para esse povo de Mariana, para o povo de Mariana todo!

Keka Simões – Senhor Silvio, aqui, em volta da Estação, tinha hotel, restaurante?

Silvio Vieira – Não, em volta da Estação não.

Keka Simões – Não?

Silvio Vieira – Não. Nunca teve restaurante aqui perto.

Keka Simões – Aqui perto nunca teve?

Silvio Vieira – Não, nunca teve.

Keka Simões – Pensão?

Silvio Vieira – Nem na Estação. Tinha pensãozinha aí, mas coisa pequena. Mas nunca teve porque é muito perto da rua. A Estação é quase na rua. Pode-se dizer na rua.

⁵² Trem da Vale.

Keka Simões – O senhor se lembra de alguma autoridade vir pelo trem, em algum momento especial? De alguma festa?

Silvio Vieira – Já vi, já vi! Acho que, em Mariana, já veio de trem até governador do Estado.

Keka Simões – Chegando aqui?

Silvio Vieira – Já, viajando no trem. Igual... Quando teve, agora na inauguração desse trem... Teve até Presidente da República⁵³.

Keka Simões – Mas o senhor lembra quem veio antigamente? Como era?

Silvio Vieira – Não, não. Isso no começo... Quando começou a ferrovia, segundo a história da ferrovia... Isso aí não é do meu tempo. Segundo a história, para aqui vieram esses presidentes todos da República. Todos vinham inaugurando esse trecho aí, viajando nesse trecho. Vinha todo mundo. Eles não tinham outro meio de transporte. Naquele tempo, não tinha avião, [riso] naquele tempo não tinha... Tinha trem mesmo. Não tinha jeito! Eles viajavam de trem. Esses imperadores que tiveram aí, tudo... Todos viajaram nesse trem.

Keka Simões – A banda de música costumava tocar na Estação?

Silvio Vieira – Costumava. Era danada para vir tocar na Estação! Virava e mexia, banda de música tocando aí.

Keka Simões – Era por algum motivo especial?

Silvio Vieira – Não, quase sempre... Por qualquer coisa eles vinham. Por motivo especial principalmente, não é?

Keka Simões – Aí tocava aqui?

Silvio Vieira – É.

Keka Simões – Havia alguma festa feita pelos ferroviários ou para os ferroviários?

Silvio Vieira – Havia. O pessoal, o grupinho de ferroviário, de vez em quando, fazia uma festinha interna. Fazia uma festinha na Estação.

Keka Simões – Como era essa festa?

Silvio Vieira – Era uma festinha assim, de brincadeira: uma cervejinha, um churrasco...

Keka Simões – Entre os colegas?

Silvio Vieira – Entre os colegas, às vezes.

⁵³ Refere-se à inauguração do Trem da Vale, ocorrida no dia cinco de maio de 2006, que contou com a presença do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Keka Simões – Quando o senhor parou de trabalhar na ferrovia? A data.

Silvio Vieira – Quando eu parei? Que eu me aposentei?

Keka Simões – É.

Silvio Vieira – Eu me aposentei em 1987, em março de 1987.

Keka Simões – O que o senhor sentiu quando a ferrovia foi paralisada?

Silvio Vieira – Eu senti chateado! Eu vou te contar. Eu sou neto de ferroviário, filho de ferroviário, família bastante ferroviária. Então, senti um pouquinho. Mas a minha aposentadoria foi uma coisa normal. Eu não tive problemas com aposentadoria, não. Eu não tive nada, não sofri nada! Eu me aposentei porque eu quis me aposentar! Eu não me aposentei por força da ferrovia ou por qualquer coisa. Até que para me aposentar foi um pouco difícil, porque eles não queriam me deixar aposentar: “Ah, você está muito novo! Não aposenta. Você está muito novo, você está bom para trabalhar!” Eles chegaram a me chamar ao escritório e pedir para não me aposentar. Mas eu falei assim: “Não. Eu resolvi me aposentar e vou me aposentar mesmo”. Aposentei-me.

Keka Simões – O senhor se lembra de algum caso, engraçado ou triste, ou de alguma história relacionada com a Estação ou com o trem?

Silvio Vieira – Ih! Se a gente for contar história, a gente não pára! [risos]

Keka Simões – Conta uma!

Silvio Vieira – Toda ferrovia tem histórias incríveis para contar! Brigas, discussões, passageiros querendo embarcar sem passagem, tem isso tudo! Tinha que ter calma e relevar tudo. Tinha muita coisa! Tem uma história muito boa que aconteceu comigo. Me mandaram trabalhar em uma Estação que se chama Mirante, no pé da serra de São Geraldo. No alto da serra, não é no pé, é no alto da serra. Eu peguei um trem em Ponte Nova, às quatro horas da manhã, e fui. O agente de lá tinha adoecido: “Não. Você tem de ir porque o cara lá está doente”. Lá não podia ficar sem agente, porque era ponto de lotação e ponto de serra. Então eu fui. Cheguei às seis horas da manhã, sem tomar café. Fiquei lá sem café, sem almoço e sem jantar. Aí eu descii a serra a pé. Peguei serviço de controle da Estação com os controladores e falei: “Oh, estou fechando a Estação.” “Ah, mas você não vai...” “Estou fechando! Estou fechando a Estação porque eu não tomei café, não almocei e não jantei. Estou descendo a serra a pé”. Era perto. De trem você demorava mais do que a pé,

para descer a serra. Cheguei à casa do feitor de turma⁵⁴ da Via Permanente, falei assim: “Ô, meu! Como é que é? Eu estou sem café, sem almoço e sem janta”. Ele chamou a mulher dele, falou: “Ô, Maria! Vem cá!” “O que é?” “Oh, o agente-de-estação aí disse que não tomou café, não almoçou e não jantou, nem nada. Como é que é?” “Ah, não! Vamos ajeitar uma comida para ele”. Foram para o terreiro, pegaram um frango, fizeram um frango com macarrão. Aí eu almocei, jantei e tomei café! [risos]

Keka Simões – Resolveu o problema, não é, Senhor Silvio?

Silvio Vieira – Mas tem muita coisa que acontece! A gente passou muita, muita... O pessoal que viajava, às vezes, chegava a um lugar e não tinha nem onde comer! Chegava a um lugar... Você saía daqui, ia trabalhar, vamos dizer, em Furquim. Lá não tinha hotel, não tinha nada. Se ele não tivesse um jeito de levar comida, ele ficava sem comida. Ou se ele não fizesse a comida para ele comer, ele ficava sem comer, porque não tinha. E você tinha que ir!

Keka Simões – Tinha que ir de qualquer jeito, não é?

Silvio Vieira – Ah, é! Estava escalado para ir, tinha que ir, porque tinha que cumprir ordem.

Keka Simões – O trem deixou saudade, Senhor Silvio?

Silvio Vieira – Não deixou tanta saudade porque eu fiquei muito ocupado em casa. Eu ajudava muito minha mulher em casa. Então, não deu para ter sentimento, porque minha mulher, com essas suas máquinas... Eu a ajudava. Aliás, eu ajudo até hoje. Para te dizer: eu sou cozinheiro, arrumador de cozinha, encerador de casa. [riso] Tudo isso eu faço. Eu faço tudo em casa! Ajudo muito minha mulher. Ajudo porque ela merece ajuda, senão...

Keka Simões – Os dois, não é?

Silvio Vieira – A minha mulher é muito boa! Nossa Senhora! A minha mulher caiu do céu! [risos]

Keka Simões – Senhor Silvio, tem alguma outra coisa a respeito da Estação ou da estrada de ferro que eu não perguntei e que o senhor acha importante falar?

Silvio Vieira – Para mim, o importante da ferrovia foi o tempo em que vivi nela. Eu gostei muito! Trabalhava satisfeito. Não tive muito aborrecimento. Tive

⁵⁴ Profissional responsável por comandar cada equipe de trabalhadores da soca.

aborrecimento comum que todo mundo tem. Não tive muita contrariedade na ferrovia, não tive nada. Só eu... Quando entrei na ferrovia, eu não queria trabalhar na ferrovia. Foi por insistência do meu pai e de um amigo dele que fazia parte da administração.

Keka Simões – O que o senhor achou de ter vindo aqui dar esse depoimento para o Vale Registrar?

Silvio Vieira – Eu achei gostoso.

Keka Simões – Gostou?

Silvio Vieira – Uma bela de uma lembrança!

Keka Simões – Eder, tem alguma coisa que você queria perguntar?⁵⁵

Silvio Vieira – Uma bela de uma lembrança! Gostei mesmo!

Keka Simões – Então está bom. Em nome do Trem da Vale, eu gostaria de agradecer o depoimento, que certamente vai ser muito importante para colocar na nossa biblioteca aqui.

Silvio Vieira – Depois eu vou ver.

Keka Simões – Depois o senhor vai ver.

Silvio Vieira – Eu gostei. Você pode ficar sabendo que eu gostei!

Keka Simões – Ah, então está bom!

Silvio Vieira – Foi igual a uma recordação, a uma lembrança, a uma bela de uma lembrança!

Keka Simões – Que bom!

[Término da entrevista]

⁵⁵ O monitor indica com um gesto que não tem perguntas.